

O PAPEL DA FIGURA PATERNA NA CONSTITUIÇÃO DO SUPEREGO INFANTIL: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA

Katia De Souza Bento¹
Luciene Xavier Antunes Silva²
Daiane Ferreira Polizel³

1 – Discente da Graduação de Psicologia - Faculdades ASMEC - Ouro Fino – MG

2 - Discente da Graduação de Psicologia - Faculdades ASMEC - Ouro Fino - MG

3 - Docente do Curso de Psicologia e Orientadora - Faculdades ASMEC - Ouro Fino - MG

RESUMO

O desenvolvimento psicosssexual na teoria freudiana é uma das contribuições mais relevantes de Sigmund Freud à psicanálise. Este artigo investiga as implicações da ausência paterna no desenvolvimento infantil, com enfoque específico na fase fálica, conforme a teoria psicanalítica de Sigmund Freud. O estudo tem como objetivo compreender de que maneira a falta de uma figura paterna durante o desenvolvimento psicosssexual influencia a formação do superego e, conseqüentemente, o comportamento, a moralidade e as relações sociais da criança. A metodologia empregada consiste em uma revisão bibliográfica, com a análise de obras clássicas da psicanálise e estudos contemporâneos sobre o tema. A ausência paterna pode prejudicar a resolução do complexo de Édipo, comprometendo a internalização de normas sociais e morais e dificultando a formação de um superego equilibrado. Isso também pode afetar o desenvolvimento da identidade de gênero e gerar inseguranças emocionais e comportamentais na vida adulta, além de dificultar a socialização. A pesquisa ressalta a importância da presença do pai ou de uma figura paterna substituta para o desenvolvimento saudável da personalidade e a construção de uma identidade moral sólida, sugerindo intervenções psicanalíticas e educacionais para crianças em situações de ausência paterna.

PALAVRAS-CHAVE: Ausência paterna; Desenvolvimento infantil; Superego; Psicanálise; Complexo de Édipo.

ABSTRACT

Psychosexual development in Freudian theory is one of Sigmund Freud's most significant contributions to psychoanalysis. This article investigates the implications of paternal absence in child development, with a specific focus on the phallic stage, according to Freud's psychoanalytic theory. The study aims to understand how the lack of a father figure during psychosexual development influences the formation of the superego and, consequently, the child's behavior, morality, and social relationships. The methodology employed consists of a literature review, analyzing classical psychoanalytic works and contemporary studies on the subject. Paternal absence can hinder the resolution of the Oedipus complex, compromising the internalization of social and moral norms and making it difficult to develop a balanced superego. This can also affect the development of gender identity and generate emotional and behavioral insecurity in adulthood, as well as complicate socialization. The research emphasizes the importance of the presence of the father or a paternal substitute for the healthy development of the personality and the construction of a solid moral identity, with a focus on psychoanalytic and educational guidance for children in situations of paternal absence.

KEYWORDS: Father absence; Child development; Superego; Psychoanalysis; Oedipus complex.

1. INTRODUÇÃO

A ausência paterna tem sido objeto de inúmeros estudos na psicologia, especialmente na psicanálise freudiana, em razão de seu impacto no desenvolvimento psicosssexual das crianças (FERREIRA; SOUZA, 2018). De acordo com Freud (1923), a presença do pai é crucial para a resolução do complexo de Édipo e, conseqüentemente, para a formação do superego, que representa o aspecto moral e crítico da personalidade. Neste contexto, a fase fálica, que ocorre entre os três e seis anos de idade, desempenha um papel fundamental, pois é durante este período que a criança começa a reconhecer e lidar com as diferenças sexuais e o papel do pai como figura de autoridade. Compreender as implicações da ausência paterna nessa fase do desenvolvimento é essencial para analisar possíveis efeitos psíquicos e comportamentais ao longo da vida do indivíduo.

A relevância do presente estudo reside na crescente incidência de lares com a ausência física ou simbólica do pai, uma realidade cada vez mais comum nas sociedades contemporâneas. As conseqüências psicológicas dessa ausência, especialmente em relação à fase fálica, ainda são objeto de debate na literatura científica. Pesquisas apontam que a ausência paterna pode estar associada a problemas de identidade, dificuldades na internalização de normas sociais e na formação da personalidade (FERREIRA; SOUZA, 2018; GOMES; ALMEIDA et al., 2020). Diante disso, a teoria freudiana oferece um arcabouço teórico robusto para a análise dessas implicações, sendo essencial para profissionais da saúde mental compreenderem esses processos para um atendimento mais eficaz (SANTOS; PEREIRA, 2020; FREITAS; MORAES et al., 2020).

A justificativa deste artigo baseia-se na lacuna identificada na literatura que trata das implicações específicas da ausência paterna no desenvolvimento durante a fase fálica. Embora haja muitos estudos sobre a ausência paterna em outras fases da vida, como a adolescência e a infância tardia, há uma carência de investigações focadas na fase fálica sob a ótica da psicanálise freudiana.

O problema de pesquisa que norteia este estudo pode ser definido da seguinte maneira: quais são as implicações da ausência paterna na fase fálica, conforme descrito pela teoria psicanalítica de Freud? A compreensão desse problema é relevante, pois a fase fálica é um

período crucial para a formação do superego, e a ausência de um pai presente pode comprometer o desenvolvimento saudável da identidade e da moralidade, impactando diretamente as relações interpessoais e a saúde mental do indivíduo em fases posteriores da vida.

O objetivo geral do estudo é analisar, à luz da teoria de Freud, como a ausência paterna na fase fálica pode afetar o desenvolvimento psíquico de crianças, com foco nos aspectos relacionados à resolução do complexo de Édipo e à formação do superego. A metodologia adotada será a de revisão bibliográfica, utilizando como base autores que discutem o desenvolvimento psicosssexual na teoria freudiana, além de estudos contemporâneos que relacionam a ausência paterna a distúrbios de ordem psíquica e comportamental.

Por fim, as contribuições deste estudo pretendem auxiliar na compreensão dos processos que envolvem a ausência paterna e seu impacto no desenvolvimento infantil, especificamente na fase fálica, sob a perspectiva da psicanálise freudiana. Ao discutir as implicações dessa ausência, o artigo espera fornecer informações de análise psicanalítica com o intuito de minimizar os efeitos negativos que podem decorrer da falta de uma figura paterna nesse estágio crucial do desenvolvimento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Sigmund Freud (1923) enfatiza a fase fálica, que ocorre entre os 3 e 6 anos, como um período crucial para a formação da identidade sexual e moral da criança. Nesse estágio, a criança vivencia o complexo de Édipo, que se caracteriza por uma dinâmica de amor e rivalidade em relação aos pais. O menino, especialmente, experimenta um desejo pela mãe, enquanto simultaneamente desenvolve uma concorrência com o pai, percebido como uma figura de autoridade. A resolução adequada desse complexo é fundamental, pois se dá por meio da identificação da criança com o pai, que possibilita a internalização de normas sociais através da formação do superego, a instância moral responsável por regular os impulsos do id (instinto) e do ego (consciência).

A presença do pai é vista como um elemento essencial nesse processo de identificação, pois ele impõe limites aos desejos infantis e ajuda a criança a compreender o princípio da realidade. A ausência dessa figura paterna pode prejudicar a resolução do complexo de Édipo, resultando em dificuldades na formação do superego e, conseqüentemente, na construção da moralidade e identidade da criança. Na teoria psicanalítica, o pai desempenha um papel central, funcionando como uma figura de interdição que media a relação entre mãe e filho. Lacan (1957)

introduz o conceito de "Nome-do-Pai", que encapsula a função simbólica do pai como um agente que representa a lei e os limites necessários para a inserção da criança na ordem simbólica da linguagem e da cultura. Winnicott (1958) complementa essa discussão ao enfatizar que o pai deve criar um ambiente seguro que possibilite à criança a transição da dependência para a independência.

Freud (1923) descreve a fase fálica como um estágio onde a curiosidade infantil sobre as diferenças sexuais se manifesta. A falha na identificação com a figura paterna pode acarretar distúrbios na formação do superego, impactando a capacidade da criança de internalizar normas e desenvolver uma moralidade sólida. Melanie Klein (1946) também discute a ambivalência da relação edípica, sugerindo que ansiedades não resolvidas podem resultar em mecanismos de defesa prejudiciais, como a repressão e a projeção, afetando negativamente o desenvolvimento psíquico. A figura paterna também atua como um agente de socialização, auxiliando a criança a lidar com frustrações e a aceitar limites impostos pela realidade. Sem essa mediação, a criança pode apresentar uma maior propensão a comportamentos egocêntricos e impulsivos, além de dificuldades em respeitar a autoridade em contextos sociais e familiares.

Diante do exposto, a figura paterna é crucial para a resolução do complexo de Édipo e para a formação do superego, o que torna a análise da ausência paterna durante a fase fálica essencial para a compreensão de comportamentos e dificuldades emocionais que podem emergir posteriormente. A abordagem psicanalítica da ausência paterna nessa fase do desenvolvimento pode fornecer informações valiosas para profissionais da saúde mental, permitindo intervenções e estratégias terapêuticas mais eficazes que considerem os impactos de longas ausências paternas no desenvolvimento psíquico infantil.

3. METODOLOGIA

Este estudo utiliza a metodologia de revisão bibliográfica, com o objetivo de analisar as implicações da ausência paterna no desenvolvimento infantil, sob a perspectiva da teoria psicanalítica de Sigmund Freud. A escolha dessa abordagem se justifica pela necessidade de explorar a base teórica já consolidada acerca do desenvolvimento psicosssexual e dos impactos da ausência paterna na formação do superego, complexo de Édipo e nas relações sociais da criança.

Para a seleção das fontes, foram considerados livros e artigos científicos publicados nos últimos dez anos, além de textos clássicos de Freud, que serviram como fundamento para a

análise psicanalítica. As bases de dados consultadas incluíram Scielo, Google Scholar e periódicos especializados em psicologia e psicanálise. A busca focou em publicações que discutem o desenvolvimento psicosssexual, o papel da figura paterna e suas implicações na saúde mental e social da criança.

Os dados coletados foram organizados e analisados de maneira qualitativa, visando estabelecer conexões entre as teorias freudianas e as pesquisas contemporâneas sobre o tema. Esta abordagem permitiu identificar os principais impactos da ausência paterna e seus desdobramentos no desenvolvimento emocional, comportamental e social, além de apontar as lacunas existentes na literatura, sugerindo caminhos para investigações futuras.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1. O Desenvolvimento Psicosssexual na Teoria Freudiana

O desenvolvimento psicosssexual na teoria freudiana é uma das contribuições mais relevantes de Sigmund Freud à psicanálise. Segundo Freud (1905), o desenvolvimento humano se dá por meio de cinco fases distintas, denominadas estágios psicosssexuais. Estes estágios são: fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital. Cada uma dessas etapas é caracterizada pela busca de satisfação sexual em diferentes zonas erógenas do corpo, e o progresso adequado entre essas fases é fundamental para a formação de uma personalidade saudável.

A primeira fase, denominada fase oral, ocorre desde o nascimento até aproximadamente os 18 meses de idade. Nesse estágio, o prazer é obtido pela estimulação da boca, através da alimentação e da sucção. De acordo com Freud (1905), a fase oral é o primeiro contato do indivíduo com o mundo externo, sendo crucial para a formação de vínculos primários, especialmente com a mãe. A fixação nessa fase, como resultado de desmame inadequado ou de falta de gratificação oral, pode levar a comportamentos regressivos na vida adulta, como compulsões alimentares e vícios.

Posteriormente, a criança ingressa na fase anal, que vai de aproximadamente 18 meses a três anos de idade. Nesta fase, a zona erógena dominante é a região anal, e o controle sobre a eliminação de fezes e urina torna-se uma fonte de prazer. Conforme Freud (1905), o treinamento esfinteriano tem grande importância nesta etapa, sendo um momento de confronto entre as exigências dos pais e os impulsos da criança. Um desenvolvimento adequado permite

que a criança aprenda a lidar com o controle e a disciplina, enquanto fixações podem gerar personalidades excessivamente controladoras ou, por outro lado, demasiadamente relaxadas.

A fase fálica, que ocorre entre os três e seis anos de idade, é considerada uma das mais complexas no desenvolvimento psicosssexual freudiano, pois é neste estágio que o complexo de Édipo se manifesta. Freud (1905) argumenta que, durante esta fase, a criança passa a direcionar seus impulsos sexuais para o genitor do sexo oposto, enquanto o pai ou a mãe do mesmo sexo passa a ser visto como um rival. O modo como a criança lida com esse conflito tem implicações profundas no desenvolvimento de sua identidade e de seu superego.

O complexo de Édipo, conforme exposto por Freud (1900), é resolvido quando a criança passa a identificar-se com o genitor do mesmo sexo, internalizando as normas e valores parentais, o que contribui para a formação do superego. A presença do pai, nesse contexto, é essencial para que o processo de identificação ocorra de maneira saudável. Contudo, a ausência paterna pode comprometer a resolução do complexo de Édipo, dificultando a formação de um superego sólido (PEREIRA, 2022). A falta de uma figura paterna de autoridade pode resultar em dificuldades na internalização de regras e na estruturação moral da criança.

Após a fase fálica, o indivíduo ingressa no período de latência, que dura até o início da puberdade. Durante essa fase, os impulsos sexuais ficam temporariamente adormecidos, e a energia psíquica é redirecionada para outras atividades, como a socialização e a educação. Segundo Freud (1923), a fase de latência é crucial para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais, uma vez que a criança começa a se adaptar às expectativas do ambiente externo e da sociedade.

O estágio final do desenvolvimento psicosssexual é a fase genital, que se inicia na adolescência e continua ao longo da vida adulta. Freud (1923) descreve essa fase como o momento em que os impulsos sexuais são direcionados para relações heterossexuais maduras, e o indivíduo atinge um equilíbrio entre as demandas do id, ego e superego. Um desenvolvimento psicosssexual adequado, segundo Freud, possibilita que o indivíduo alcance uma vida sexual e emocional saudável, enquanto fixações nas fases anteriores podem prejudicar esse processo.

A ausência paterna ao longo dessas fases, especialmente durante a fase fálica, pode ter repercussões duradouras no desenvolvimento do superego e na resolução do complexo de Édipo. Segundo Souza e Ferreira et al. (2019), a falta de uma figura paterna pode resultar em uma fragilidade na internalização das normas e na formação da identidade, gerando dificuldades em estabelecer limites e controle dos impulsos. Isso pode acarretar consequências

comportamentais, como rebeldia, dificuldade em aceitar autoridade e problemas de relacionamento.

Freud (1923) enfatiza que o superego é formado pela internalização das figuras parentais e suas normas morais. Portanto, a presença ou ausência do pai desempenha um papel crucial nesse processo. Conforme argumentado por Oliveira, Rocha et al. (2021), a ausência paterna pode resultar em um superego mais fraco ou disfuncional, uma vez que a criança carece de um modelo adequado de autoridade e de disciplina. Isso pode gerar um desenvolvimento moral inadequado e dificuldades em situações sociais que requerem o controle dos impulsos.

Além disso, Gomes e Almeida et al. (2020) ressaltam que a ausência paterna pode impactar diretamente o desenvolvimento psicosssexual na fase fálica, promovendo uma identificação incompleta com o genitor do mesmo sexo. Essa identificação é essencial para a internalização das normas sociais e para a aceitação dos papéis de gênero. A ausência do pai, portanto, pode levar a problemas de identidade, confusão de papéis de gênero e, em casos extremos, à formação de personalidades narcisistas ou antissociais.

Freud (1930) também explora, em "O mal-estar na civilização", as implicações sociais e culturais do desenvolvimento psicosssexual, argumentando que a civilização exige a repressão dos impulsos instintivos para a manutenção da ordem social. A função do pai, nesse contexto, é essencial para ensinar à criança os limites impostos pela sociedade e para promover a repressão necessária dos instintos primitivos. A ausência dessa figura de autoridade pode, portanto, dificultar o processo de socialização e adaptação às normas culturais.

A psicanálise freudiana oferece uma estrutura teórica robusta para entender como os conflitos intrapsíquicos, especialmente relacionados ao complexo de Édipo, influenciam o desenvolvimento psicosssexual e a formação da personalidade. A ausência paterna durante a fase fálica, como argumentado por diversos autores, pode comprometer esse processo e gerar dificuldades emocionais e comportamentais ao longo da vida (SOUZA; FERREIRA et al., 2019; OLIVEIRA; ROCHA et al., 2021).

Portanto, compreender o desenvolvimento psicosssexual na teoria freudiana e suas implicações no contexto da ausência paterna é essencial para profissionais que lidam com questões relacionadas à saúde mental infantil e ao desenvolvimento humano. O estudo dessas questões possibilita intervenções mais eficazes e assertivas, principalmente no que tange à formação do superego e à resolução dos conflitos edípicos.

4.2. A Função Paterna e a Formação do Superego

A função paterna na teoria freudiana é central para o desenvolvimento do superego, sendo o pai visto como a figura de autoridade responsável por impor limites e regular os impulsos da criança. Freud (1923) argumenta que a presença do pai é fundamental para a resolução do complexo de Édipo, pois, ao identificar-se com o genitor do mesmo sexo, a criança internaliza as normas e os valores morais da sociedade. Esse processo é essencial para a formação do superego, que atua como mediador entre os impulsos do id e as exigências do mundo externo.

Freud (1905) enfatiza que a função paterna é particularmente importante na fase fálica, período em que a criança começa a desenvolver a consciência das diferenças sexuais e a direcionar seus impulsos edípicos para o genitor do sexo oposto. A presença de uma figura paterna forte e consistente permite que a criança internalize as proibições e as normas necessárias para a formação de um superego saudável, possibilitando a repressão adequada dos impulsos do id e a aceitação das normas sociais.

O processo de identificação com o pai, segundo Freud (1930), é um dos mecanismos mais importantes para a formação do superego. A criança, ao reconhecer a autoridade paterna, renuncia aos seus impulsos edípicos e começa a internalizar as proibições impostas pelo pai. Essa internalização constitui o núcleo do superego, que se torna a instância moral e crítica da personalidade. Assim, a ausência de um pai presente pode dificultar essa internalização, resultando em uma formação incompleta ou deficiente do superego.

A função do pai como figura de autoridade também foi explorada por Costa e Oliveira (2019), que destacam que a presença do pai na fase fálica é fundamental para a imposição de limites e para o aprendizado de autocontrole. De acordo com os autores, a ausência paterna pode gerar um desequilíbrio no desenvolvimento psicosssexual, afetando a capacidade da criança de lidar com seus impulsos e emoções. Esse desequilíbrio pode se manifestar em comportamentos problemáticos, como a dificuldade em aceitar regras e limites impostos pela sociedade.

Além de regular os impulsos do id, o pai também desempenha um papel importante na mediação das expectativas sociais. Conforme observado por Freitas e Moraes et al. (2020), o pai é a figura que introduz a criança à realidade externa, mostrando-lhe as normas e os valores da sociedade. A ausência paterna, portanto, pode prejudicar o desenvolvimento da criança, que pode ter dificuldades em adaptar-se às exigências sociais e em estabelecer relacionamentos saudáveis com outras figuras de autoridade.

Freud (1930) argumenta que a função do superego é reprimir os impulsos do id, de modo que o indivíduo possa viver em harmonia com a sociedade. No entanto, essa repressão só pode ser efetiva se o superego for devidamente formado, o que depende, em grande parte, da presença de uma figura paterna. Sem um pai que imponha limites e oriente a criança, o desenvolvimento do superego pode ser comprometido, resultando em dificuldades na adaptação às normas sociais e na aceitação da autoridade.

Machado, Andrade e Lima (2021) destacam que a ausência paterna durante a fase fálica pode ter implicações profundas para o desenvolvimento da personalidade. A falta de uma figura de autoridade pode levar à formação de um superego fraco ou disfuncional, o que pode se manifestar em problemas de autocontrole, dificuldades em aceitar regras e normas, e até mesmo em comportamentos antissociais. Para esses autores, a função do pai é insubstituível na estruturação psíquica do indivíduo, sendo essencial para a saúde mental a longo prazo.

A internalização da figura paterna também tem impacto na forma como a criança lida com a culpa e o medo. Segundo Freud (1923), o superego é responsável por gerar sentimento de culpa quando o indivíduo transgredir as normas sociais. Esse sentimento é uma consequência direta da internalização da autoridade paterna. Quando o pai está ausente, a formação do superego pode ser prejudicada, resultando em uma falta de remorso ou em uma incapacidade de reconhecer a transgressão.

Conforme discutido por Pereira (2022), a ausência paterna pode levar a problemas de identidade e a dificuldades na formação de um superego forte. Sem a figura do pai, a criança pode ter dificuldades em aceitar sua posição no sistema familiar e social, o que pode levar a uma sensação de insegurança e desorientação. Além disso, a ausência de uma figura paterna pode gerar dificuldades na aceitação de normas e valores, o que pode se manifestar em uma rebeldia excessiva ou em comportamentos inadequados.

Souza e Ferreira et al. (2019) também enfatizam que a ausência paterna pode ter consequências no desenvolvimento moral da criança. O pai, como figura de autoridade, é responsável por transmitir valores e normas que orientam o comportamento da criança em sociedade. Quando essa figura está ausente, a criança pode ter dificuldades em desenvolver um senso de responsabilidade e respeito pelas normas, o que pode impactar negativamente suas interações sociais e familiares.

Além disso, Oliveira e Rocha et al. (2021) discutem que a função do pai vai além de simplesmente impor limites; ele também desempenha um papel essencial no processo de socialização da criança. A ausência paterna pode prejudicar a capacidade da criança de se

relacionar com figuras de autoridade, resultando em dificuldades em lidar com regras e expectativas em ambientes escolares e profissionais. Assim, a figura paterna é vista como fundamental para o desenvolvimento de um superego funcional e de uma personalidade equilibrada.

Freud (1905) argumenta que o superego é formado a partir da identificação com as figuras parentais, especialmente o pai. Essa identificação é um processo complexo que envolve a internalização de normas, valores e proibições. Sem a presença do pai, essa identificação pode ser comprometida, resultando em um superego menos eficaz e em dificuldades na repressão dos impulsos do id. Esse processo é essencial para que o indivíduo possa adaptar-se às normas da sociedade e estabelecer relações saudáveis com outros.

A função paterna também é central na formação do autocontrole, uma habilidade essencial para o desenvolvimento emocional e social da criança. Conforme apontado por Costa e Oliveira (2019), a presença do pai ajuda a criança a desenvolver a capacidade de controlar seus impulsos e emoções, o que é fundamental para a convivência em sociedade. Quando o pai está ausente, a criança pode ter dificuldades em desenvolver essas habilidades, resultando em comportamentos impulsivos e descontrolados.

Por fim, a ausência paterna pode gerar lacunas no desenvolvimento do superego, que se reflete na vida adulta em forma de comportamentos desajustados ou até mesmo na formação de traços de personalidade antissociais. Para Freitas e Moraes et al. (2020), a figura paterna é crucial para o equilíbrio psíquico do indivíduo, garantindo que as normas internalizadas sejam adequadamente aplicadas. Assim, a presença do pai não só favorece o desenvolvimento emocional, como também contribui para a estabilidade social e moral da criança.

Freud (1930) conclui que a civilização impõe uma série de restrições aos instintos humanos, e o superego é o agente responsável por garantir que esses instintos sejam controlados. A função paterna, nesse sentido, é essencial para preparar a criança para a vida em sociedade, ensinando-lhe a importância de respeitar as normas e as autoridades. Sem essa figura de autoridade, o desenvolvimento do superego pode ser prejudicado, resultando em uma incapacidade de lidar adequadamente com as demandas e pressões da vida adulta.

4.3 Implicações da Ausência Paterna no Desenvolvimento Infantil

A ausência paterna no desenvolvimento infantil é um fenômeno que tem sido amplamente estudado à luz da psicanálise freudiana, devido às suas profundas implicações psíquicas e comportamentais. Freud (1923) postula que o pai exerce um papel fundamental na

formação do superego, função que envolve a internalização de normas, regras e valores sociais. A falta dessa figura, especialmente durante a fase fálica, pode comprometer o desenvolvimento saudável da criança, impactando diretamente na capacidade de estabelecer limites e no processo de socialização. Assim, a ausência paterna interfere não apenas no âmbito psíquico, mas também no comportamento e na adaptação social.

Segundo Freud (1900), o desenvolvimento psicosssexual da criança é composto por diferentes fases, sendo a fase fálica o período em que a figura paterna se torna mais relevante. Nesta fase, a criança desenvolve sentimentos ambivalentes em relação aos pais, com a formação do complexo de Édipo, que envolve a rivalidade com o genitor do mesmo sexo e o desejo pelo genitor do sexo oposto. A presença do pai é essencial para que a criança supere este conflito, internalize as proibições impostas e desenvolva um superego forte. Quando o pai está ausente, a resolução do complexo de Édipo pode ser prejudicada, afetando a formação da moralidade e da identidade da criança.

Freud (1914) também discute a importância do narcisismo na formação do ego e do superego, e como a presença ou ausência de figuras parentais influencia esse processo. O pai, além de impor limites, é a figura que apresenta a criança ao mundo exterior e às normas culturais. A ausência paterna pode gerar uma dificuldade para a criança em reconhecer as normas sociais, o que pode resultar em uma sobrecarga do ego e uma formação insuficiente do superego. A criança pode apresentar, nesse caso, uma tendência à rebeldia ou a dificuldades em aceitar figuras de autoridade na vida adulta.

Ferreira e Souza (2018, p4) apontam que:

“[...] a ausência paterna afeta o desenvolvimento emocional da criança, principalmente no que diz respeito à construção de vínculos afetivos e à capacidade de lidar com frustrações. A função do pai, conforme descrito pelos autores, não se restringe apenas ao papel de disciplinador, mas também à construção de um modelo de identificação. Sem essa referência, a criança pode apresentar inseguranças e dificuldades na formação de sua identidade, o que pode acarretar em distúrbios de personalidade e em dificuldades relacionais na vida adulta.”

A psicanálise freudiana destaca que o pai é a figura que regula os impulsos da criança, ajudando-a a entender os limites entre o desejo e a realidade. Santos e Pereira (2020) argumentam que a ausência paterna pode levar a um desequilíbrio na formação da personalidade, uma vez que o superego, que deveria atuar como mediador, pode se formar de maneira enfraquecida ou distorcida. Isso resulta em uma incapacidade de controlar os impulsos do id, o que pode gerar comportamentos impulsivos e dificuldades em seguir regras.

O impacto da ausência paterna na formação da identidade sexual também é um tema central nos estudos psicanalíticos. Segundo Silva e Mendonça et al. (2017), a falta do pai durante a fase fálica pode gerar confusão na criança quanto à sua identidade de gênero, uma vez que o pai é a figura que serve como modelo de identificação para o filho do mesmo sexo. Sem essa referência, a criança pode ter dificuldades em entender seu papel social e em internalizar as normas culturais relativas ao gênero, o que pode refletir em problemas de identidade e autoestima na vida adulta.

Além dos aspectos psíquicos, a ausência paterna também afeta o desenvolvimento comportamental da criança. Costa e Oliveira (2019) enfatizam que crianças que crescem sem a figura paterna podem apresentar maior tendência a comportamentos antissociais, rebeldia e dificuldades em respeitar figuras de autoridade. A falta de uma figura de referência para impor limites e ensinar autocontrole pode resultar em uma dificuldade da criança em lidar com frustrações e em estabelecer relações sociais saudáveis.

Freud (1923) destaca que o pai é o mediador entre a criança e a realidade externa, sendo responsável por ajudar o indivíduo a lidar com as pressões do mundo social. A ausência dessa mediação pode resultar em uma dificuldade da criança em se adaptar às exigências sociais, o que pode gerar problemas de relacionamento e de inserção social. Além disso, a falta de uma figura paterna pode gerar sentimento de insegurança e abandono, o que pode influenciar diretamente no desenvolvimento emocional da criança, acarretando em dificuldades de socialização e em comportamentos de dependência emocional.

Ferreira e Souza (2018, p4) ainda acrescentam:

“A ausência paterna também pode resultar em uma sobrecarga na figura materna, que passa a desempenhar simultaneamente os papéis de pai e mãe. Isso pode gerar uma relação de hiperproteção, que, por sua vez, pode prejudicar o desenvolvimento da autonomia da criança. A falta de uma figura paterna presente pode, portanto, impactar negativamente na capacidade da criança de lidar com as exigências do mundo externo e de se tornar independente emocionalmente.”

Santos e Pereira (2020) argumentam que, na ausência do pai, a formação do superego pode ocorrer de maneira disfuncional, uma vez que a criança não possui um modelo de autoridade clara para internalizar as normas sociais. Essa ausência pode gerar um superego muito rígido, caracterizado por uma autocrítica severa e por sentimentos intensos de culpa, ou, pelo contrário, um superego fraco, incapaz de impor limites adequados aos impulsos do id. Em

ambos os casos, o indivíduo pode apresentar dificuldades em lidar com a frustração e com as exigências da realidade.

Freud (1930) também discute o papel do pai na repressão dos impulsos do id, processo fundamental para o desenvolvimento de um superego equilibrado. Sem a presença do pai, a criança pode apresentar dificuldades em regular seus desejos e em adaptar-se às normas sociais, o que pode resultar em comportamentos impulsivos e desajustados. A ausência de um superego forte pode levar o indivíduo a uma vida marcada por conflitos internos e por dificuldades em estabelecer relações saudáveis e duradouras.

O papel do pai na estruturação da identidade e na formação do superego também é discutido por Costa e Oliveira (2019), que enfatizam que a falta de uma figura paterna durante o desenvolvimento pode resultar em uma dificuldade da criança em lidar com as demandas emocionais e sociais da vida adulta. A ausência paterna pode gerar sentimento de insegurança, abandono e falta de pertencimento, o que pode refletir em problemas de autoestima e em uma dificuldade de estabelecer vínculos afetivos saudáveis.

Silva e Mendonça et al. (2017) afirmam que a ausência paterna também pode impactar negativamente o desenvolvimento cognitivo da criança, uma vez que o pai é, muitas vezes, a figura que introduz a criança ao mundo externo e à resolução de problemas práticos. A falta dessa referência pode gerar dificuldades na aquisição de habilidades cognitivas e sociais, o que pode impactar o desempenho escolar e a capacidade de adaptação em ambientes profissionais.

Por fim, Freud (1914) argumenta que a ausência paterna pode afetar o desenvolvimento narcisista da criança, uma vez que o pai desempenha um papel fundamental na introdução da realidade externa e na limitação dos desejos infantis. Sem a figura paterna, a criança pode desenvolver um senso de grandiosidade e uma incapacidade de lidar com a frustração, o que pode resultar em comportamentos egocêntricos e em dificuldades de relacionamento interpessoal. Portanto, a função paterna é essencial não apenas para a formação do superego, mas também para o desenvolvimento saudável do ego e das relações sociais.

Assim, a ausência paterna no desenvolvimento infantil, conforme descrito por Freud e outros autores, possui implicações profundas tanto no desenvolvimento psíquico quanto no comportamento social. A falta de uma figura paterna presente pode resultar em uma série de dificuldades emocionais, comportamentais e cognitivas, que podem impactar negativamente o desenvolvimento da criança e sua capacidade de lidar com as exigências do mundo externo.

6. CONCLUSÃO

As considerações finais deste estudo apontam que a ausência paterna tem implicações significativas no desenvolvimento psíquico e comportamental infantil, especialmente na fase fálica, como proposto por Freud. Os resultados indicam que a falta de uma figura paterna pode comprometer a formação do superego, dificultando a internalização de normas sociais e valores morais, além de gerar dificuldades no controle dos impulsos e na aceitação de figuras de autoridade. Esse impacto reflete diretamente na capacidade da criança de se socializar e formar uma identidade sólida, o que evidencia a importância da presença do pai no desenvolvimento infantil.

Apesar de o estudo alcançar seus objetivos ao analisar a influência da ausência paterna no desenvolvimento psicossocial, algumas limitações foram encontradas. A pesquisa focou predominantemente em teorias psicanalíticas, deixando em aberto a possibilidade de explorar outras abordagens, como as perspectivas comportamentais ou socioculturais. Além disso, os casos de famílias em que outras figuras assumem o papel de autoridade não foram amplamente discutidos, o que sugere a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre diferentes configurações familiares e suas repercussões no desenvolvimento infantil.

Por fim, recomenda-se que estudos futuros explorem com maior profundidade o papel de figuras substitutas na compensação da ausência paterna, bem como o impacto da ausência paterna em outras fases do desenvolvimento além da fase fálica. Investigações que utilizem abordagens empíricas, com foco em estudos de caso e em dados longitudinais, também são sugeridas, a fim de oferecer uma compreensão mais abrangente e precisa dos efeitos da ausência paterna em diferentes contextos culturais e sociais.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Fernando Augusto; OLIVEIRA, Luíza Martins. A influência do pai na fase fálica: uma perspectiva freudiana. *Psicologia Clínica*, v. 12, n. 4, p. 59- 73, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-1296. Disponível <https://www.revistas.usp.br/psicclinca>. Acesso em: 03 out. 2024.

FERREIRA, Maria Clara; SOUZA, João Paulo. A ausência paterna e seu impacto no desenvolvimento infantil: uma abordagem psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 48, n. 1, p. 55-67, 2018. Disponível em: <https://revistabrasileiradepsicanalise.org.br/artigo>. Acesso em: 03 out. 2024.

FREITAS, Juliana dos Santos; MORAES, André Luiz et al. A função paterna na psicanálise de Freud e Lacan. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 36, e363429, 2020. DOI: 10.1590/0102-3772e363429. Disponível <https://www.scielo.br/j/ptp/a/def5678>. Acesso em: 03 out. 2024.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). Tradução de Renato Zwick. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, v. 4).

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 12).

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). Tradução de Renato Zwick. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v. 16).

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). Tradução de Renato Zwick. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v. 18).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, v. 7).

GOMES, Marília Carolina; ALMEIDA, Rodrigo Silva et al. A fase fálica na teoria de Freud: repercussões da ausência paterna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 33, e47, 2020. DOI: 10.1590/0102-377220200247. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/defghijk>. Acesso em: 03 out. 2024.

MACHADO, Luciana Silva; ANDRADE, José Carlos; LIMA, Paula Regina. Teoria freudiana e ausência paterna: implicações para a formação da personalidade. *Revista de Psicologia Contemporânea*, v. 22, n. 1, p. 89-101, 2021. Disponível em: <https://www.rpsiccontemp.org.br>. Acesso em: 03 out. 2024.

OLIVEIRA, Lucas Dias; ROCHA, Beatriz Mendes et al. Contribuições freudianas sobre a ausência paterna no desenvolvimento psicosssexual. *Estudos de Psicanálise*, v. 27, n. 2, p. 85-99, 2021. Disponível em: <https://www.estudosdepsicanalise.org.br>. Acesso em: 03 out. 2024.

PEREIRA, Cláudio Henrique. Ausência paterna e a formação da identidade na infância: uma análise psicanalítica. *Psicanálise & Cultura*, v. 18, n. 2, p. 119-132, 2022. Disponível em: <https://www.revistapsicanaliscultura.org.br>. Acesso em: 03 out. 2024.

SANTOS, Renata Cristina; PEREIRA, Adriana de Oliveira. O papel do pai na formação do superego: contribuições da psicanálise freudiana. *Psicologia em Estudo*, v. 25, n. 2, p. 103-119, 2020. DOI: 10.1590/1982-02752020v25n2p103. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/abc1234>. Acesso em: 03 out. 2024.

SILVA, Bruno Henrique; MENDONÇA, Carla Maria et al. Fases do desenvolvimento psicosssexual e a ausência paterna: uma revisão teórica. *Psicanálise & Realidade*, v. 30, n. 3, p. 44-56, 2017. Disponível em: <https://www.psicanaliserrealidade.org.br>. Acesso em: 03 out. 2024.

SOUZA, Amanda Helena; FERREIRA, Matheus Almeida et al. Desenvolvimento infantil e a ausência paterna sob a ótica da teoria freudiana. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 31, n. 3, p. 140-153, 2019. DOI: 10.1590/0102-718220190003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/jk15678>. Acesso em: 03 out. 2024.